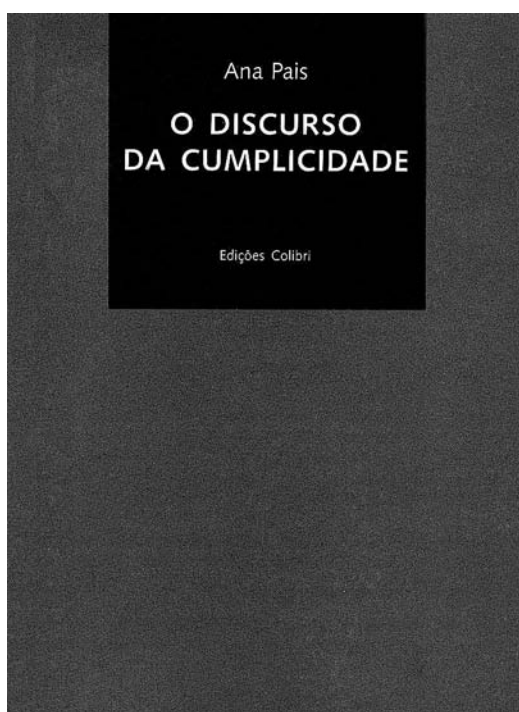


Tecendo tramas e texturas

Vera San Payo de Lemos



Ana Pais, *O discurso da cumplicidade: Dramaturgias contemporâneas*, Lisboa, Colibri, 2004, 122 pp.

tornam o seu significado ambivalente e impreciso; por outro, importa investigar a invisibilidade da dramaturgia enquanto prática artística, o modo como esta se entretete e incorpora no processo de construção de um espectáculo sem deixar rasto. Considerando que a ambivalência e a imprecisão do significado de dramaturgia não resultam apenas da evolução histórica do conceito, mas radicam, fundamentalmente, na invisibilidade característica do discurso dramático, Ana Pais estrutura o seu estudo em duas partes com perspectivas distintas, mas complementares: uma primeira parte, de pendor mais histórico, intitulada "Conceitos e contextos", em que identifica e explicita as várias acepções do termo dramaturgia, assim como as subsequentes figurações do dramaturgo, desde Aristóteles até aos nossos dias; e uma segunda parte, de pendor mais filosófico, intitulada "Para uma teoria da cumplicidade", em que expõe o seu conceito de cumplicidade e reflecte sobre o modo "cúmplice" como o discurso dramático age e interage não apenas na construção de um espectáculo de teatro, mas na construção do que apelida de "grande espectáculo do mundo". Na conclusão, reúne os fios que foi desenrolando ao longo da análise e reafirma a importância que atribui à dramaturgia nessas duas dimensões: como prática artística e como forma de olhar o mundo. No fim do estudo, uma bibliografia dá conta das leituras teóricas e críticas que orientaram e sustentaram a pesquisa realizada que, partindo do campo do teatro, se foi progressivamente estendendo ao âmbito da estética e dos estudos culturais.

O que se entende por dramaturgia? Como actua um dramaturgo? Qual a função da sua presença e do seu trabalho, não apenas no teatro mas no conjunto diversificado da produção artística e cultural dos nossos dias? Sendo a presença do dramaturgo cada vez mais visível na paisagem e nos circuitos actuais da criação, o papel que lhe cabe desempenhar e o modo como actua na construção das práticas artísticas contemporâneas permanecem difusos ou envolvidos em mistério ao ponto de se questionar a razão da sua existência ou a necessidade da sua função. O livro de Ana Pais, baseado numa dissertação de mestrado em Estudos de Teatro, elege precisamente essa misteriosa invisibilidade da prática da dramaturgia como objecto de investigação. O resultado é um estudo extremamente interessante que ilumina os conceitos e processos da dramaturgia ao longo dos tempos e propõe uma teoria inovadora - a teoria da cumplicidade - para aprofundar a reflexão sobre o modo como o discurso dramático se articula no mundo da arte contemporânea.

Na introdução, Ana Pais apresenta o seu objecto de investigação e justifica a pertinência de se dedicar à dramaturgia "um estudo autónomo, independente da encenação, da interpretação ou da escrita dramática" a que geralmente surge associada: por um lado, importa percorrer o território e esclarecer o que se entende por dramaturgia, uma vez que a pluralidade dos usos e acepções do termo

Para definir o facto de a dramaturgia ser um conceito polissémico que se reporta a uma diversidade de formas e funções ao ponto de nunca se saber ao certo o que significa quando surge na ficha técnica de um espectáculo, Ana Pais apresenta-o como um "conceito-hidra" que aponta em várias direcções, mas a partir de um núcleo fundamental: à dramaturgia cabe essencialmente a função de estruturar, quer o texto dramático e a sua transposição para cena, no caso dos espectáculos centrados no *logos*, que tomam o texto como ponto de partida, quer a globalidade dos materiais cénicos, no caso dos espectáculos que criam uma "paisagem" composta por diversos materiais sem nenhuma hierarquia particular em que o texto é um material entre outros ou pode até nem sequer existir. Enquanto prática plural, a dramaturgia abarca diversos procedimentos técnicos que são determinados pela especificidade de cada processo de criação e variam, portanto, de espectáculo para espectáculo; enquanto prática

estruturante, começa por se manifestar nas acções realizadas durante o processo de criação, na trama que vai tecendo na construção de sentido do espectáculo, até se tornar invisível, mas permanecer latente nos fios das relações entre as linguagens cénicas que o constituem.

Uma vez que as diversas acepções do termo dramaturgia se encontram geralmente no conjunto de práticas a que o termo se reporta, há que conhecer o contexto concreto de cada produção para saber o que se entende por dramaturgia: se a escrita ou composição dramática, realizada pelo dramaturgo, se a escolha do repertório, a tradução ou adaptação do texto, a intervenção nos ensaios com opiniões e observações críticas ou a redacção do programa do espectáculo, realizadas pelo dramaturgista, um cargo criado pelo dramaturgo e dramaturgista Lessing no movimento para a constituição de um teatro nacional na Alemanha no século XVIII. A diversidade das práticas dramáticas surge inventariada com pormenor na listagem de tarefas executadas pelo dramaturgista, quer ele desempenhe um cargo numa companhia, no caso da chamada "dramaturgia institucional", quer ele seja contratado para colaborar na construção de um ou mais espectáculos, como acontece sobretudo actualmente, no que se apresenta aqui caracterizado como "dramaturgia do espectáculo" (pp. 25-28).

A ambiguidade do conceito de dramaturgia deve-se a esta pluralidade de tarefas, mas também à deslocação e sobreposição de significados que resultam do lastro histórico do conceito e da sua prática em cada contexto específico. Num quadro muito elucidativo e útil, Ana Pais sistematiza, com um conjunto de tópicos, cinco contextos em que surgiram deslocações de significado que se mantêm até aos dias de hoje: séc. V a. C. – Aristóteles; séc. XVIII – Lessing; séc. XX, anos 30-50 – Brecht; anos 60-70 – *performances* nos EUA e na Europa; e anos 80-90 – dança, teatro e *performance* pós-modernistas (p. 66). Considerando que importa clarificar a pluralidade do conceito de dramaturgia, porque "quanto maior for a consciência no seu uso, maior será também a clareza do enunciado" (p. 23) na sua prática e na identificação do seu significado específico, Ana Pais opta por mapear o terreno das práticas dramáticas. Mais do que traçar a "linha" do tempo, interessa-lhe delinear a "mancha" do espaço em que o fluir da História também se espelha. Esta abordagem adequa-se a uma identificação e clarificação das diversas formas e funções da dramaturgia para as quais Ana Pais propõe designações sugestivas como "dramaturgia da leitura", "dramaturgia do olhar" ou "dramaturgia do espaço". Estas últimas reportam-se sobretudo ao modo de construção do espectáculo pós-moderno ou à chamada nova dramaturgia de que são citados, como "paradigmas internacionais", exemplos de práticas artísticas e reflexões recolhidas em entrevistas com dramaturgistas, como Marianne Van Kerkhoven, Fransien Van der Putt, Janine Brogt e Maaïke Bleeker, especialmente actantes em espectáculos de teatro e dança na Holanda e na Bélgica nos anos 80 e 90.

Das reflexões recolhidas nestas entrevistas salienta-se que, no contexto das práticas artísticas contemporâneas, a

dramaturgia se define essencialmente como um "modo de estruturação de sentidos". Para tal o dramaturgista deve, não apenas possuir, um conjunto específico de saberes e capacidades, mas também revelar determinadas atitudes como, por exemplo, a atenção face ao Outro, o gosto pela resolução de problemas ou a confiança firme na intuição, destacada por Marianne Van Kerkhoven (p. 54). O modo como o dramaturgista participa no enunciado do espectáculo e as atitudes que lhe são requeridas ao longo do processo de criação são objecto da segunda parte deste estudo em que Ana Pais aprofunda a invisibilidade da dramaturgia e apresenta a sua teoria da cumplicidade. Explorando os diversos significados e a etimologia do termo cumplicidade- "implícito", "pacto criminoso", "acção comum", mas também "acção conjunta de dobrar" -, Ana Pais encontra na "invisibilidade de um mundo de dobras e pregas" (p. 75) a imagem para definir a forma como a dramaturgia, entendida como "paciente e obstinada tecelã de possibilidades de sentido" (p. 89), participa na estruturação da textura do espectáculo. O discurso dramático é apresentado como discurso da cumplicidade e exemplificado através da sua actuação em vários planos: na articulação dos diversos materiais cénicos entre si, na relação entre a concepção e a concretização do espectáculo, na ligação entre a dramaturgia e a encenação, aqui apresentados como o lado invisível e visível do espectáculo do qual também o público é considerado cúmplice.

A definição de dramaturgia enquanto actividade que participa na acção comum do processo criativo e a concepção do discurso dramático enquanto discurso implícito nas escolhas do espectáculo e na estruturação dos variados materiais cénicos tinham surgido no mapa traçado na primeira parte do estudo e são desenvolvidas nesta segunda parte à luz da teoria da cumplicidade. O aspecto novo e surpreendente é a exploração do lado "criminoso" da dramaturgia. Partindo do facto de, na tradição filosófica e teatral do Ocidente, o teatro ser essencialmente entendido como o "lugar onde se vê", Ana Pais interpreta a invisibilidade da dramaturgia como algo de transgressor, como um desafio para que se repense a centralidade tradicional da visão nas artes performativas contemporâneas e a relação com o público. No capítulo "Cumplicidades no mundo", retoma a velha metáfora do "teatro do mundo" ou "o mundo como um palco" e analisa o modo como ela surge no mundo contemporâneo para definir situações e papéis do indivíduo na sociedade. Na perspectiva da teoria da cumplicidade, a atitude questionante da dramaturgia poderá também ser entendida como um movimento transgressor de subversão dos códigos de comunicação e recriação do real ou como "ética da participação" (p. 90), num mundo em que o sujeito não quer ser só "espectador", mas também "actor". Na clarificação dos diversos usos e acepções do conceito de dramaturgia e na estimulante reflexão proporcionada pelo desenvolvimento da teoria da cumplicidade, o livro de Ana Pais é uma contribuição valiosa para as artes do espectáculo e para a revisão de ideias feitas, de comportamentos e de atitudes.